

ARGUMENTAÇÃO E JORNALISMO: ANÁLISE DAS COLUNAS DO JORNALISTA REINALDO AZEVEDO NO JORNAL *FOLHA DE S. PAULO*

Felipe Bonow Soares*

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar os argumentos utilizados por Reinaldo Azevedo em suas colunas no jornal *Folha de S. Paulo*. Para isto, a metodologia adotada tem como base a análise de conteúdo adaptada para o objetivo deste estudo. Portanto, as categorias de análise são os tipos de argumentos definidos por Chaïm Perelman na Nova Retórica. O *corpus* de análise é composto por cinco colunas publicadas no mês de maio de 2014. Os autores utilizados como base teórica sobre retórica são, basicamente, Chaïm Perelman, Aristóteles e António Fidalgo. Para os estudos sobre gêneros jornalísticos, os principais autores são José Marques de Melo, Ana Regina Rêgo e Maria Isabel Amphilo.

PALAVRAS-CHAVE: Argumentação; Jornalismo; Jornalismo Opinativo; Retórica.

ARGUMENTATION AND JOURNALISM: ANALYSIS OF THE CONTRIBUTIONS BY JOURNALIST REINALDO AZEVEDO IN THE NEWSPAPER *FOLHA DE S. PAULO*

ABSTRACT: Current study analyzes arguments by Reinaldo Azevedo in his contributions to the newspaper *Folha de S. Paulo*. Methodology is based on the analysis of content adapted for this end, or rather, the category of analysis consists of arguments defined by Chaïm Perelman in the New Rhetoric. The corpus of current essay is made up of five contributions published during May 2014. Theoretical bases on Rhetoric are essentially those by Chaïm Perelman, Aristotle and António Fidalgo. The main authors for studies on journalistic genres are José Marques de Melo, Ana Regina Rêgo and Maria Isabel Amphilo.

KEYWORDS: Argumentation; Journalism; Opinions in Journalism; Rhetoric.

INTRODUÇÃO

São poucos os estudos acadêmicos que observam produtos jornalísticos a partir do viés da retórica, teoria que analisa as construções argumentativas e é normalmente associada à filosofia e utilizada também em estudos relacionados ao direito. Defende-se aqui, porém, que retórica e jornalismo possuem características em comum e, portanto, podem ser estudadas de maneira interdisciplinar.

Assim sendo, este estudo tem o objetivo de analisar os argumentos utilizados pelo jornalista Reinaldo Azevedo em seus textos opinativos no jornal *Folha de S. Paulo*. Para isso, serão observados como

os tipos de argumentos definidos por Chaïm Perelman (1993) são utilizados por Azevedo. A partir dos estudos de Aristóteles (*Retórica*)¹ sobre a disposição do discurso, também será observada a estrutura das colunas.

Para apresentar todos os elementos teóricos para a realização da análise, este estudo descreverá, primeiramente, o que mostram os autores sobre retórica, em especial destacando os tipos de argumento descritos por Perelman (1993), e também sobre jornalismo opinativo e colunas. Em seguida, serão apresentados os dados da análise e os resultados obtidos a partir deles para, por fim, apontar as conclusões alcançadas.

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras – Linguística Aplicada da Universidade Católica de Pelotas (UCPel); E-mail: felipeboanos@hotmail.com

¹ Neste artigo utiliza-se a regra dos estudos científicos de filosofia para a citação de autores da filosofia clássica, realizada no seguinte formato: AUTOR, Obra, passagem citada.

2 DESENVOLVIMENTO

Como dito, nesta seção são levantados os principais aspectos teóricos para a realização da análise e a apresentação dos dados e resultados. Em um primeiro momento, é importante ir até Aristóteles para compreender as origens da Nova Retórica de Perelman, além de apontar para detalhes relevantes para a análise realizada, como a disposição, um dos quatro elementos do sistema aristotélico, e o papel do meio na Retórica Mediatizada de António Fidalgo. A partir disto, é possível relacionar a retórica com o jornalismo por meio do jornalismo opinativo, em geral. Como o *corpus* desta análise é composto por colunas de opinião, estas serão o foco principal no levantamento sobre gêneros jornalísticos. Sobre estes, os estudos de José Marques de Melo são lembrados. Já para a observação específica da coluna, Rego e Amphilo são referências utilizadas como base de estudo.

Após o destaque dos elementos teóricos, é possível apresentar o que foi observado na análise das colunas e quais os principais resultados obtidos. Para isso, é descrita, primeiramente, a metodologia utilizada e depois os dados e resultados obtidos. Junto aos dados também é apresentada uma pequena descrição de quem é Reinaldo Azevedo.

2.1 RETÓRICA E ARGUMENTAÇÃO

O principal marco da retórica na história é o sistema desenvolvido por Aristóteles. Ele é dividido em quatro partes: a invenção (*heurésis*), a disposição (*taxis*), a elocução (*lexis*) e a ação (*hypocrisis*) (REBOUL, 2004, p. 43). A invenção é o momento em que o orador analisa o seu auditório, aqueles a quem o discurso se dirige, e elege quais são os argumentos mais adequados para persuadi-lo. A disposição se refere à construção lógica do discurso e quais são as partes que devem estar presentes. A elocução tem relação com a expressão enunciativa, ou seja, o modo como as coisas são ditas. Por fim, a ação é o ato de proferir o discurso.

Ainda que todas as partes sejam relevantes para a compreensão do sistema aristotélico, apenas a

disposição necessita ser descrita para a realização da análise deste estudo².

Sobre a disposição, Aristóteles (*Retórica*, 1414a) afirma que são duas as partes essenciais do discurso: a enunciação (ou narração) e a demonstração. A primeira é a exposição do tema, a segunda são as provas do argumento. Mas Aristóteles (*Retórica*) ainda apresenta outras duas partes que podem compor o discurso em conjunto com a narração e a demonstração: o proêmio, abertura do discurso e introdução do assunto a ser tratado; e o epílogo, encerramento do discurso, geralmente recapitulando as principais provas (argumentos) ou usando outras técnicas para tornar o ouvinte favorável ao que defende.

Já no século XX, Chaïm Perelman (1993) retoma o sistema aristotélico para desenvolver o que ficou conhecido como Nova Retórica. Dentre os elementos que Perelman descreve, o mais importante para esta análise são os argumentos de ligação. Antes disso, porém, também é relevante destacar alguns pontos sobre a noção de auditório. Perelman (1993, p. 33) define auditório como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar pela sua argumentação”. Além disso, distingue três tipos de auditórios: o íntimo, a deliberação consigo mesmo; o universal, quando o discurso se refere à humanidade como um todo; e o particular, formado por uma pessoa ou um grupo específico de pessoas. O discurso ideal, porém, deve ser sempre composto por premissas e argumentos universalizáveis, de modo que distingue também duas ações: persuadir (no sentido também de predispor ou levar a uma ação), para auditórios particulares, e convencer, para auditórios universais.

Quanto aos argumentos de ligação, Perelman os divide em três grandes grupos: os argumentos quase lógicos são próximos do pensamento formal, da lógica matemática, porém pressupõem teses de uma natureza não-formal; os argumentos fundados sobre a estrutura do real, baseados em ligações e

² Para uma descrição completa de todo o sistema aristotélico, consultar Rebul (2004).

relações que existem entre os diversos elementos da realidade; e os argumentos que fundam a estrutura do real, formados por induções, ou seja, utilizam casos específicos para generalizar.

Dentro destes três grupos, Perelman divide 12 tipos de argumentos. Argumentos quase lógicos: contradição e incompatibilidade; identidade e definição; a regra da justiça e reciprocidade; argumentos de transitividade, de inclusão e de divisão; os pesos e medidas e as probabilidades. Argumentos fundados sobre a estrutura do real: as ligações de sucessão; as ligações de coexistência; a ligação simbólica, as duplas hierarquias, as diferenças de ordem. Argumentos que fundam a estrutura do real: o exemplo; a ilustração; o modelo e o antimitelo; analogia e metáfora³.

António Fidalgo (2010) também tem como base o sistema aristotélico para desenvolver o que chama de Retórica Mediatizada. De modo geral, as mudanças da retórica aristotélica para a retórica mediatizada giram em torno de um elemento: os meios de comunicação. A grande transformação se dá no modelo comunicacional. Na retórica aristotélica o modelo é triangular: orador, mensagem e auditório. Já na retórica mediatizada, se torna quadrado com a inclusão dos meios. Mas este não é apenas um elemento a mais, a presença dos meios gera uma mudança das relações inclusive entre os outros elementos do modelo comunicacional da retórica (FIDALGO, 2010, p. 5). O auditório, por exemplo, não necessita mais da presença física. Por isso, Fidalgo (2010, p. 8) sugere que o auditório se transforma em público. O orador também se modifica, de modo que o *ethos* (caráter), antes intrínseco ao discurso, se transforma em imagem, construída (também pelos meios de comunicação) continuamente (FIDALGO, 2010, p. 11). Fidalgo (2010, p. 16) argumenta também que os significados da mensagem são modificados de acordo com o meio em que é transmitida. Por isso, compreender o meio se torna essencial para estudar a argumentação.

³ Os tipos de argumentos serão descritos neste estudo conforme a necessidade para a compreensão dos resultados, de modo que nem todos eles são detalhados. Para uma descrição resumida de cada argumento, consultar Soares (2014). Para uma descrição detalhada dos argumentos, consultar o próprio Perelman (1993).

2.2 A ARGUMENTAÇÃO NO JORNALISMO

No caso da análise aqui realizada, o meio é a imprensa ou, mais especificamente, a coluna de opinião. Por suas características, é a coluna (o jornalismo opinativo em geral) que mais possui relações com a retórica e com a argumentação.

Para compreender o jornalismo opinativo é preciso entender o que está sendo realizado no estudo sobre gêneros jornalísticos. Segundo Marques de Melo (2010, p. 4), a primeira divisão de gêneros jornalísticos se deu no começo do século XVIII na separação entre informação e opinião. Esta é, basicamente, a principal dicotomia nos estudos sobre gêneros jornalísticos. Marques de Melo, porém, adiciona outros três tipos de gênero segundo o que observou no jornalismo brasileiro: o interpretativo, o diversional e o utilitário. Naturalmente, o que importa para este estudo é o jornalismo opinativo, de modo que este será o único pormenorizado, principalmente as características das colunas de opinião.

O gênero opinativo, naturalmente, é composto pelos espaços de opinião disponíveis nos jornais. Segundo Rêgo e Amphilo (2010, p. 97), uma das principais características desse gênero é a complementariedade ao gênero informativo, de modo que geralmente é composto pela análise ou comentário de algum objeto informativo (como a notícia).

A coluna de opinião é um dos oito formatos presentes no gênero opinativo e tem sua origem no século XIX, nos Estados Unidos (RÊGO; AMPHILO, 2010, p. 103). Para Marques de Melo (apud RÊGO; AMPHILO, 2010, p. 104), a coluna pode ser dividida segundo três funções. Em primeiro lugar, a coluna atende a uma necessidade de satisfação substitutiva dos leitores. A coluna também é o espaço responsável por insinuar fatos, lançar ideias e sugerir situações, tornando-se, assim, um espaço que gera discussões. Por fim, a coluna é um mecanismo de reprodução social e controle político da sociedade, pois gera modelos de comportamento.

Calderón (2010) entende que a função principal da coluna é sempre persuadir o leitor de determinada

tese defendida. Portanto, independentemente do estilo textual utilizado, não se pretende com um texto opinativo levar o leitor ao deleite (ainda que esta possa ser uma intenção secundária), mas sim persuadi-lo. É por essa razão que Calderón considera que as colunas têm como base procedimentos retóricos, utilizando seus diversos recursos para defender uma tese. Para o autor, a coluna tende a ser muito personalizada, aproveitando-se de elementos da elocução, especialmente nos casos de autores que criam estilos próprios e com mais elementos exuberantes.

3 METODOLOGIA

Neste estudo realiza-se uma análise argumentativa da coluna de Reinaldo Azevedo no jornal *Folha de S. Paulo*. O *corpus* da análise são os cinco textos publicados durante o mês de maio de 2014 (nos dias 02, 09, 16, 23 e 30)⁴. Para tal, a metodologia utilizada tem como base conceitos de análise de conteúdo, adaptando-a para o objetivo de observar os argumentos.

Bardin (2002), uma das principais autoras da área, entende que a análise de conteúdo se apresenta como um conjunto de técnicas e que o seu foco de análise é a comunicação. Assim sendo, defende que a análise de conteúdo “não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (BARDIN, 2002, p. 31). Justamente o caráter adaptável da análise de conteúdo permite a sua apropriação para uma análise argumentativa.

Geralmente este tipo de estudo é quantitativo. Nesta análise, se pretende observar os argumentos segundo suas caracterizações quantitativas, afinal é relevante saber quais tipos de argumentos estão mais ou menos presentes nos textos analisados, mas, mais importante do que isso, é saber quais argumentos

⁴ Os títulos das colunas são os seguintes: Em 02/05 “Os vivos e os mortos”; em 09/05 “Fabiane e a maçã envenenada”; em 16/05 “Os Pestanas e o terrorismo do PT”; em 23/05 “O nome da baderna é Dilma”; e em 30/05 “O Partido do Crime”.

são mais fortes, que costumam estar diretamente associados à tese defendida, ou fracos. Deste modo, realiza-se uma análise mais qualitativa, de modo que a análise quantitativa se torna complementar à análise qualitativa.

Como já dito anteriormente, as categorias em que os argumentos são enquadrados são baseadas nos 12 argumentos de ligação descritos por Perelman (1993). Assim sendo, o primeiro passo é perceber qual é a tese defendida na coluna analisada. Feito isto, é possível observar todos os argumentos utilizados e quais os seus papéis: se é o argumento principal (essencial para a tese), se é complementar (fortalece ou auxilia o argumento principal) ou se é alegórico (não possui uma grande força argumentativa, é o caso, por exemplo, da analogia quando utilizada apenas com função elocutiva). A partir disto, é possível observar os resultados obtidos e discutir as possíveis conclusões alcançadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de iniciar a análise dos dados obtidos, é importante descrever rapidamente o autor das colunas analisadas. Reinaldo Azevedo nasceu em 19 de agosto de 1961 na cidade de Dois Córregos, no interior do Estado de São Paulo. É formado em jornalismo e tem na passagem pela revista *Veja* uma de suas principais atuações na carreira. É declaradamente conservador e liberal e opositor do governo do Partido dos Trabalhadores (PT)⁵. É autor de alguns livros, com destaque para as duas edições de *O País dos Petralhas*. É colunista da *Folha de S. Paulo* desde outubro de 2013. Em geral, os textos de Azevedo estão relacionados com temas da política.

Em primeiro lugar, é interessante observar as teses que Azevedo defende e como as constrói a partir dos temas abordados em cada coluna.

Na coluna 1, Azevedo (02/05/14, p. A9) argumenta que “na média, a imprensa atua segundo uma ideologia de esquerda”. Trabalha inicialmente

⁵ Segundo entrevista do jornalista para a revista portuguesa *Atlântico*. A entrevista está publicada no blog da revista: <<http://atlantico.blogs.sapo.pt/949534.html>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

o tema do jornalismo, trazendo os exemplos de duas mortes noticiadas pela imprensa. Durante toda a coluna busca criticar a atuação da maioria dos jornalistas frente a esses acontecimentos. Por meio disso, sugere que o problema do jornalismo é que este atua segundo uma ideologia que pode ser considerada politicamente de esquerda. Deixa implícito que essa ideologia busca defender o PT e outros partidos de correntes ideológicas próximas. É interessante ressaltar que, aparentemente, o que ocorre na prática é o oposto, afinal a imprensa se estrutura a partir da lógica de mercado e, assim sendo, não está alinhada ao Estado.

O elemento morte está presente mais uma vez na segunda coluna, mas dessa vez é colocado para realizar uma crítica ao governo. Nesta coluna, Azevedo (09/05/14, p. A11) defende a tese de que “as falhas de governo são a causa da morte de Fabiane”. Azevedo se refere ao caso de Fabiane, espancada após boato de ser uma sequestradora de crianças. Desta vez, Azevedo explicitamente ataca o governo do PT durante a sua coluna, colocando-o responsável pelo linchamento e morte de Fabiane.

Na coluna 3, Azevedo (16/05/14, p. A15) utiliza inicialmente Aloizio Mercadante e Guido Mantega para argumentar contra o PT. No decorrer da coluna, usa de temas referentes à economia para atacar a gestão petista e sugere que o futuro pode ser perigoso, defendendo a tese de que “caso Dilma seja reeleita, prevê-se um futuro pavoroso”. É interessante observar que Azevedo começa a trabalhar elementos que têm relação com as eleições presidenciais. No último parágrafo afirma que não está prevendo a derrota de Dilma, mas deixa claro que acredita que o PT não pode fazer nada mais pelo Brasil.

Na quarta coluna, o único tema abordado por Azevedo (23/05/14, p. A10) é política, utilizado, novamente, para criticar o PT. Argumenta que “o PT é o responsável pela desordem no Brasil”, para isso utiliza também da figura de Dilma e faz uma crítica ao seu governo. Ao final do texto, retoma a dúvida sobre a capacidade de Dilma e do PT ainda poderem fazer algo de benéfico pelo Brasil, questionando por quanto tempo mais o partido vai ficar no poder.

Na última coluna analisada, Azevedo (30/05/14, p. A11) volta a utilizar tópicos de polícia na sua argumentação. O tema central, porém, continua sendo a política. Durante o texto argumenta que “o PT é um partido envolvido com o crime organizado”. Desta vez não é a possibilidade da reeleição de Dilma o alvo da crítica de Azevedo, mas a candidatura de Alexandre Padilha. De qualquer modo, Azevedo volta a argumentar que o governo do PT, seja em âmbito nacional ou regional, será prejudicial ao país.

Com isso, percebe-se que, de um modo ou de outro, a argumentação de Azevedo sempre tem por objetivo final atacar o PT. Mesmo no primeiro texto, em que a tese defendida não tem o objetivo direto de crítica ao PT, Azevedo argumenta de modo a menosprezar a atividade de parte dos jornalistas, que seriam apoiadores do governo petista e de ideologias de esquerda. O que se percebe é que a sequência de temas presentes nas argumentações de Azevedo, especialmente das colunas 3, 4 e 5, revela o que pode ser uma estratégia de desmoralizar o PT e suas lideranças em virtude das eleições que se aproximavam. Todos esses elementos mostram que o foco argumentativo de Azevedo é a crítica ao PT, deixando claro o posicionamento político liberal e conservador que o próprio Azevedo afirma seguir.

Na observação direta dos argumentos, percebe-se uma preferência pelos argumentos fundados sobre a estrutura do real. Eles aparecem em 44 situações entre as cinco colunas analisadas, são 24 ligações de coexistência⁶ (5 vezes na primeira coluna, 3 na segunda coluna, 4 na terceira coluna, 6 na quarta coluna e 6 na quinta coluna) e 20 ligações de sucessão⁷ (5 vezes na primeira coluna, 6 na segunda coluna, 2 na terceira coluna, 5 na quarta coluna e 2 na quinta coluna). Somente na terceira coluna os argumentos fundados sobre a estrutura do real não são o mais

⁶ A ligação de coexistência trabalha sempre a relação de um indivíduo ou uma organização e seus atos. Deste modo, pode ser a favor do indivíduo ou organização, argumentando a partir de atos positivos e melhorando sua imagem ou de modo negativo, fazendo a ação inversa.

⁷ As ligações de sucessão trabalham relações de causa e efeito. Busca-se argumentar a partir deste tipo de relação para prever novos efeitos, para demonstrar as causas ou mesmo para relacionar as causas e efeitos com uma ligação de coexistência.

utilizado, assim como somente na mesma coluna o argumento mais utilizado não é uma ligação de sucessão ou uma ligação de coexistência. Na terceira coluna são os argumentos que fundam a estrutura do real que se destacam. Eles são o segundo tipo de argumento mais utilizado, em 29 vezes (13 exemplos⁸ e 16 analogias⁹). Ainda assim, os argumentos que fundam a estrutura do real possuem um papel mais coadjuvante dentro da argumentação, geralmente explorados como um apoio a algum dos argumentos

fundados sobre a estrutura do real. Já os argumentos quase lógicos são utilizados apenas 8 vezes, sendo 1 vez a comparação¹⁰ (dentro dos pesos e medidas e as probabilidades), 2 vezes a definição¹¹ e 5 vezes argumentos de inclusão e de divisão¹². É preciso destacar que a maior utilização dos argumentos de inclusão e divisão estão associadas às relações entre o PT e seus membros, sempre exploradas por Azevedo. Os dados referentes a esses argumentos podem ser observados na tabela a seguir:

Tabela 1. Argumentos utilizados nas colunas de Reinaldo Azevedo¹³

Tipo de Argumento	Vezes em que foi utilizado					
	Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4	Coluna 5	Total
Argumentos quase lógicos	2	–	3	1	2	8
Identidade e definição	1	–	–	–	1	2
Argumentos de transitividade, de inclusão e de divisão	1	–	2	1	1	5
Os pesos e medidas e as probabilidades	–	–	1	–	–	1
Argumentos fundados sobre a estrutura do real	10	9	6	11	8	44
As ligações de sucessão	5	6	2	5	2	20
As ligações de coexistência	5	3	4	6	6	24
Argumentos que fundam a estrutura do real	4	7	9	6	3	29
O exemplo	2	4	2	3	2	13
Analogia e metáfora	2	3	7	3	1	16

⁸ Exemplo, como o próprio nome sugere, é a apropriação de um ou mais casos particulares para argumentar a partir de uma generalização.

⁹ A analogia apropria-se de um elemento mais conhecido para, por meio de um exercício de assimilação, esclarecer, caracterizar ou definir outro elemento a partir das características do elemento já familiar.

¹⁰ A comparação é utilizada para aproximar dois elementos, mesmo que estejam em patamares distantes. Por isso, quando há grande desigualdade entre os termos comparados, eleva-se o inferior e rebaixa o superior pelo simples ato de compará-los. Geralmente pretende-se com a comparação não apenas informar, mas impressionar o auditório.

¹¹ Partindo do pressuposto de que na argumentação múltiplas são as definições de um objeto, definir é escolher, e justificar por meio de argumentação, qual das definições relativas a um objeto será compreendida e utilizada durante a construção discursiva.

¹² Os argumentos de inclusão e de divisão trabalham com a relação entre o todo e suas partes, de modo que se argumenta que as partes são subordinadas ao todo (inclusão) ou que o todo é determinado em função de suas partes (divisão).

¹³ Os argumentos não utilizados por Azevedo em nenhuma situação foram excluídos da tabela final.

Os argumentos fundados sobre a estrutura do real também aparecem em destaque quando se observa quais são os argumentos principais das colunas de Azevedo. Estes argumentos principais são os mais fortes dentro da argumentação, geralmente ligados à tese defendida. Mais uma vez os argumentos fundados sobre a estrutura do real possuem uma incidência bem maior que os outros, contabilizando

7 vezes, destas 4 são ligações de coexistência e 3 são ligações de sucessão. Há ainda um exemplo (argumentos que fundam a estrutura do real) e um argumento de divisão (argumentos quase lógicos) como argumentos principais dentro das colunas. A ordem e a incidência com que aparecem podem ser observadas na tabela a seguir:

Tabela 2. Argumentos principais das colunas de Reinaldo Azevedo

Tipo de Argumento	Vezes em que foi utilizado					
	Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4	Coluna 5	Total
Argumentos quase lógicos	–	–	–	–	1	1
Argumentos de transitividade, de inclusão e de divisão	–	–	–	–	1	1
Argumentos fundados sobre a estrutura do real	1	2	1	2	1	7
As ligações de sucessão	–	1	1	1	–	3
As ligações de coexistência	1	1	–	1	1	4
Argumentos que fundam a estrutura do real	1	–	–	–	–	1
O exemplo	1	–	–	–	–	1

Como não é possível apresentar os dados detalhados de todas as colunas – a análise de todos os parágrafos e argumentos – devido à extensão deste estudo, optou-se por mostrar como aparecem nas colunas os principais argumentos (que são essenciais para a defesa da tese).

Na Coluna 1, o primeiro argumento principal está presente já no parágrafo inicial do texto:

Duas mortes recentes demonstraram que, a depender do tema, a imprensa, na média, renuncia aos

fatos e se deixa conduzir por uma espécie de ente superior, a ditar o que é “politicamente conveniente”. Eu passei a empregar essa expressão no lugar de “politicamente correto”. Não há nada de incorreto em ser correto. Não dá é para ser covarde ou para sufocar o fato com a ideologia (AZEVEDO, 02/05/2014, p. A9).

A tese argumentativa central da coluna de Reinaldo Azevedo já é apresentada logo no primeiro parágrafo, quando afirma, primeiramente, que, na

média, a imprensa renuncia aos fatos e é conduzida pelo que chama de “politicamente conveniente” e depois quando afirma que o jornalismo é covarde e sufoca os fatos baseados em uma ideologia (que sugere, posteriormente, em outros elementos da coluna ser de esquerda). Como a tese já está presente no primeiro parágrafo, conseqüentemente um dos principais argumentos da coluna está igualmente presente no início do texto. A maneira como Azevedo qualifica a imprensa se apresenta por meio de um argumento de coexistência, ou seja, os jornalistas estão agindo inadequadamente (sendo covardes e mascarando fatos por meio da ideologia de esquerda) e são, portanto, incapazes moralmente de atuar no espaço profissional onde estão inseridos. A relação é visivelmente do jornalista com seus atos.

O segundo argumento principal do texto é mais extenso do que o primeiro, pois está presente em todos os parágrafos, com exceção do primeiro e do último. É o argumento pelo exemplo. São dois exemplos que aparecem no decorrer do texto, o primeiro da morte do coronel Paulo Malhães e o segundo da morte do bailarino Douglas Rafael. Azevedo apresenta os dois exemplos como modo de justificar a sua tese de que a imprensa atua não segundo fatos, mas a partir de uma ideologia. Este segundo argumento principal é essencial ao texto, afinal, sem ele não há nenhum tipo de prova da argumentação inicial.

Na segunda coluna, a estrutura se diferencia um pouco das demais, de modo que Azevedo só apresenta a tese e começa efetivamente a sua argumentação no sexto parágrafo, que é também onde ele coloca seus dois argumentos principais.

Que país o nosso, não é!? Notaram como temos Estado demais em petróleo e de menos em segurança pública? Notaram como temos Estado demais em energia elétrica e de menos em educação? Notaram como temos Estado demais no setor bancário e de menos em saneamento e urbanismo? Esse Estado é gigantesco e tentacular, mas está onde não deve e não está, não de modo eficiente ao menos, onde deve. Para os que

lincharam Fabiane, ela era uma criminosa, e se cultiva a certeza por lá e em toda parte de que os criminosos, neste país (como diria aquele), permanecem impunes – o que é verdade com uma frequência assombrosa. Há mais de 50 mil homicídios por ano no Brasil (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11).

A tese defendida é apresentada, ainda que não fique explícita em uma única frase, com ela apresentam-se os dois argumentos centrais. O primeiro é a ligação de coexistência do governo com seus atos, isso aparece quando Azevedo coloca que o Estado está mais preocupado com petróleo do que com segurança pública e assim sucessivamente, chegando à sua conclusão quando afirma: “Esse Estado é gigantesco e tentacular, mas está onde não deve e não está, não de modo eficiente ao menos, onde deve” (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11). Deste modo, Azevedo culpa o governo de estar agindo de maneira inadequada. O problema, porém, é que Azevedo apenas apresenta constatações, mas não apresenta provas para elas. Assim sendo, a ligação de coexistência pode se tornar infundada para aqueles que não concordam com as afirmações do colunista. Após, ele segue com o segundo argumento principal para a defesa de sua tese: uma ligação de sucessão entre os atos do governo e os efeitos sociais que eles geram. Isso se verifica na seguinte afirmação: “Para os que lincharam Fabiane, ela era uma criminosa, e se cultiva a certeza por lá e em toda parte de que os criminosos, neste país (como diria aquele), permanecem impunes – o que é verdade com uma frequência assombrosa” (AZEVEDO, 09/05/2014, p. A11). Azevedo utiliza, agora, um dado concreto como exemplo para a ligação de sucessão apresentada quando afirma que há mais de 50 mil homicídios por ano no Brasil. Ainda assim, se a ligação de coexistência for considerada infundada pelo leitor, a ligação de sucessão também o será, afinal, ela só se apresenta em função dos atos do governo.

Na coluna 3, Azevedo se apropria da analogia durante toda a coluna para criticar Aloizio Mercadante e Guido Mantega. Ela não é, porém, o argumento

principal, ainda que tenha um papel importante na argumentação. Junto com a analogia, a ligação de coexistência também é utilizada para desmoralizar os dois políticos. Apesar de toda a coluna ter um caráter argumentativo, é somente no último parágrafo que o argumento principal é apresentado por Azevedo.

Estou a antever a derrota de Dilma? Ainda não. Apenas evidencio que o PT não tem mais nada a oferecer. Se emplacar mais quatro anos de mandato, o país ficará refém da capacidade de planejamento e de administração de gestores e estrategistas como Aloizio Mercadante e Guido Mantega. Se a presidente for reeleita, são eles os portadores da utopia. E isso parece pavoroso (AZEVEDO, 16/05/2014, p. A15).

Azevedo inicia o último parágrafo com um elemento explicativo, mas que pode sugerir mais do que parecer. Assim ele coloca: “Estou a antever a derrota de Dilma? Ainda não” (AZEVEDO, 16/05/2014, p. A15). O poder da palavra “ainda” é grande. Apesar de Azevedo afirmar que sua coluna não tem como objetivo prever a derrota de Dilma, ele sugere que, no futuro, ele pode voltar a escrever sobre o tema, aí, sim, prevendo a derrota.

Em seguida, Azevedo começa a trabalhar em sua tese. Afirma, primeiramente, que o PT não tem mais nada a oferecer e utiliza uma ligação de sucessão para defender esta afirmação e a tese como um todo. Retomando o que falou sobre Mercadante e Mantega, coloca-os como os responsáveis pelo planejamento e administração do governo e, por meio disso, sugere que o futuro (no caso da reeleição de Dilma) será pavoroso. Esta ligação de sucessão é, portanto, o argumento principal da coluna de Azevedo, afinal, é a partir dela, utilizando dos argumentos anteriores (ligações de coexistência e analogias, em específico), que Azevedo defende a sua tese.

Na quarta coluna, Azevedo apresenta a tese de que o PT seria o responsável pela desordem no Brasil já no primeiro parágrafo. Os seus dois argumentos principais, porém, só são utilizados no quinto parágrafo.

Não há grupo baderneiro com viés de esquerda que não tenha sido levado ao Palácio do Planalto para conversar. O método consagrado para ser ouvido na República obedece à gradação dos celebrados: quebrar, incendiar, invadir, bater e – como esquecer o cinegrafista Santiago Andrade? – matar. A raiz do caos que viveu São Paulo na terça e na quarta desta semana não está numa disputa de poder num sindicato de motoristas. Isso sempre existiu, com uma penca de cadáveres, diga-se. A gênese dos métodos terroristas está no Palácio do Planalto (AZEVEDO, 23/05/2014, p. A10).

O quinto parágrafo é o mais importante do texto. É nele que Azevedo expõe novamente a sua tese e utiliza os principais argumentos em sua defesa. Ele inicia utilizando uma ligação de sucessão: afirma que todos os grupos baderneiros de esquerda já foram chamados ao Palácio do Planalto (efeito) e expõe que isso ocorre, justamente, porque são grupos baderneiros e criminosos, que quebram, incendiam, invadem, batem e matam (causa). Este é o primeiro argumento principal do texto. Para reforçá-lo ainda utiliza o exemplo do cinegrafista Santiago Andrade, morto em uma manifestação.

O segundo argumento central da coluna é uma ligação de coexistência, que surge de outro exemplo. Azevedo se apropria das manifestações de motoristas para argumentar que o real responsável pela baderna e o que chama de métodos terroristas das manifestações (mas em nenhum momento do parágrafo ou da coluna define precisamente o que é baderna e quais são os métodos terroristas das manifestações) é o PT, gerando assim uma desmoralização ao partido em função destes atos. Este argumento encerra quando Azevedo volta a apresentar a tese de sua coluna: “A gênese dos métodos terroristas está no Palácio do Planalto” (AZEVEDO, 23/05/2014, p. A10).

Na quinta e última coluna analisada, os dois argumentos principais (em especial o da ligação de coexistência) são construídos no decorrer de toda a coluna. Ainda assim, em algumas partes eles ficam mais evidentes e estas podem ser destacadas.

Não se trata de um evento trivial. Luiz Moura (PT-SP), deputado estadual, foi surpreendido numa reunião na sede da Transcooper, uma cooperativa de vans e micro-ônibus, de que ele é presidente de honra, em companhia de 13 pessoas que, segundo a polícia, são ligadas ao PCC. Um assaltante de banco foragido participava do convescote. Segundo a polícia, o encontro tinha o objetivo de planejar novos incêndios contra ônibus na capital. Os veículos atacados pertencem invariavelmente a empresas privadas, nunca a tais cooperativas (AZEVEDO, 30/05/2014, p. A11).

Azevedo abre a sua coluna falando sobre Luiz Moura, deputado estadual do PT em São Paulo. Utiliza o argumento de ligação de coexistência, sugerindo que Moura está diretamente ligado a membros do PCC, uma das maiores organizações criminosas do Brasil e que centra suas ações em São Paulo, para desmoralizar o político. Destaca que Moura foi surpreendido em uma reunião com membros da organização.

É essencial referir que este parágrafo não tem a intenção única de atacar Moura, mas todo o PT, afinal, como já deixa claro no título da coluna, para Azevedo o PT é o partido que está envolvido com o crime organizado. Assim sendo, começa a construir o argumento da divisão neste parágrafo, apresentando a ação de uma das partes para atacar o todo, neste caso, o PT.

Moura integra o grupo político de Jilmar Tatto, deputado federal licenciado (PT-SP) e secretário de Transportes da gestão Fernando Haddad. O próprio Tatto é muito influente nisso que já foi chamado “transporte clandestino”, tornou-se “alternativo” e acabou sendo oficializado. Hoje, as cooperativas celebram contratos bilionários com a prefeitura (AZEVEDO, 30/05/2014, p. A11).

No segundo parágrafo, Azevedo apresenta a relação entre Moura e Tatto, secretário de Transportes da gestão de Fernando Haddad na prefeitura de São

Paulo, todos também do PT. Usa, assim como no primeiro parágrafo, uma ligação de coexistência para desmoralizar Tatto, essa ligação vem junto da ironia utilizada para descrever o “caminho” que traçaram as cooperativas de transportes urbanos: “O próprio Tatto é muito influente nisso que já foi chamado ‘transporte clandestino’, tornou-se ‘alternativo’ e acabou sendo oficializado” (AZEVEDO, 30/05/2014, p. A11). Ainda utiliza outra ligação de coexistência na última frase do parágrafo, quando destaca que as cooperativas, que considera criminosas, possuem contratos bilionários com a prefeitura. Com isso, continua construindo o argumento da divisão iniciado no parágrafo anterior (que tem como figura central Moura, mas também se apropria de Tatto e Haddad).

Azevedo segue uma argumentação semelhante em toda a coluna e no último parágrafo encerra o argumento de divisão, tornando lógica a argumentação espalhada pelo texto.

No PT, Moura já não é um qualquer. Na sua festança de aniversário, a figura de destaque foi Alexandre Padilha, ex-ministro e pré-candidato do PT ao governo de São Paulo. Discursou com entusiasmo. Se Padilha vencer, Moura poderá ajudá-lo a cuidar da área de transportes, como ajudou Marta Suplicy e Fernando Haddad. Está em sua honrada biografia (AZEVEDO, 30/05/2014, p. A11).

No último parágrafo, Azevedo coloca Moura como uma figura de destaque dentro do partido e apresenta a sua relação com Alexandre Padilha, então pré-candidato ao governo de São Paulo, como um exemplo da influência de Moura dentro do partido. Mas este exemplo não encerra ali, afinal destaca a possibilidade da vitória de Padilha e da possível participação de Moura na área de transportes, usando de uma ligação de sucessão.

Antes de encerrar, relembra a relação de Moura com Marta Suplicy e Fernando Haddad, além de destacar ironicamente a “honrada biografia” de Moura; deste modo, retoma os elementos argumentativos apresentados durante a coluna. É no fim da coluna que

Azevedo retoma o argumento da divisão apresentado no primeiro parágrafo e trabalhado durante todo o texto, especialmente relacionado com Moura. Com isso, sugere que o PT pode ser analisado a partir de suas partes (Moura, Haddad, Suplicy, etc).

Apresentados os argumentos utilizados por Azevedo em suas colunas e pormenorizados os argumentos principais e suas incidências, os dados observados revelam alguns comportamentos comuns de Azevedo. Em primeiro lugar, a preferência por argumentos fundados sobre a estrutura do real deve ser destacada. Esta constante utilização mostra que a argumentação de Azevedo é, geralmente, baseada em elementos e relações sociais. Estas podem ser relações de causa–efeito (ligação de sucessão) ou relações entre um indivíduo ou organização e seus atos (ligação de coexistência). Por meio disso, Azevedo busca explorar elementos presentes nestas relações que considera inadequadas (na maioria das vezes sua argumentação é de crítica) e, assim, desmoralizar o alvo de sua coluna. Como Azevedo trata sempre de temas envoltos na política e usa de relações sociais em sua coluna, a preferência pelos argumentos fundados sobre a estrutura do real parecem ter lógica, afinal a melhor maneira para se argumentar nas áreas que convergem nos textos de Azevedo e segundo as teses defendidas por ele é justamente por meio de outros elementos da sociedade.

O papel dos argumentos que fundam a estrutura do real também é importante para fortalecer este tipo de argumentação. Aristóteles já afirmava que o argumento–tipo do gênero deliberativo é o exemplo e é este argumento que Azevedo costuma utilizar para apoiar a construção argumentativa surgida nos argumentos fundados sobre a estrutura do real. Os exemplos são essenciais para fortalecer a argumentação, servindo como uma espécie de prova daquilo que está sendo afirmado. As analogias também se fazem presentes, mas em diversas situações possuem um papel mais elocutivo do que propriamente argumentativo, ainda que sejam importantes para a argumentação como um todo.

A argumentação de Azevedo, porém, possui falhas. Em diversas situações ele acaba

utilizando premissas não universais e, deste modo, acaba por restringir a sua argumentação. Como os posicionamentos políticos de Azevedo são claros (liberal, conservador e anti–PT) e ele os utiliza em suas colunas, a tendência que é seu poder de persuasão seja imensamente maior em auditórios que possuam a predisposição em concordar com ele, afinal, em diversos momentos, parte de premissas relacionadas ao seu posicionamento. Em algumas situações, Azevedo busca algum argumento para confirmar o que escreve (normalmente o exemplo ou ligações de sucessão e coexistência), porém, nem sempre o argumento auxiliar é capaz de justificar as premissas ou afirmações utilizadas. Ainda assim, mesmo que esse tipo de falha exista, Azevedo utiliza de “truques” para camuflar as premissas não universais, utilizando, em algumas situações, analogias ou inclusive os argumentos antes citados que nem sempre possuem relação direta com o que afirma. Por isso, mesmo que as premissas não sejam universais, sua argumentação pode acabar sendo estendida para um grupo maior e até convencê–los de que a tese defendida está correta. Nesta situação o *ethos*, transformado em imagem pela retórica mediatizada, também pode ser um fator importante. Se a imagem de Azevedo é bem construída e ele é considerado um indivíduo de credibilidade, mesmo que utilize de premissas duvidosas ou não universais, sua argumentação pode alcançar o sucesso em virtude dessa credibilidade que construiu no decorrer de suas atuações argumentativas (ou mesmo em outras situações). Esse *ethos* é, inclusive, trabalhado algumas vezes em seus textos, o caso mais explícito está na Coluna 4, quando, em primeira pessoa, afirma que não tem projeto de poder e por isso não precisa ser um “cafetão do caos” (AZEVEDO, 23/05/2014, p. A10), como são os que apoiam o PT, segundo o que sugere Azevedo.

No que se refere à estrutura do discurso, percebe–se algo interessante. Há uma preferência pela demonstração nas colunas de Azevedo. Na terceira coluna, por exemplo, sequer aparecem proêmio e narração, sendo composta apenas por demonstração e, em parte do último parágrafo, epílogo. Enquanto

isso, em outras colunas proêmio e narração se fazem presentes em pequenas partes do texto, inclusive em algumas ocasiões sendo condensados em um mesmo parágrafo. O epílogo também costuma estar condensado com a demonstração, em geral, no último parágrafo. Isso acontece provavelmente pelo tamanho do texto, que não permite uma explanação maior e obriga o colunista a “ir direto ao ponto”, além disso, Azevedo sempre se refere a temas atuais e que, na maioria das ocasiões, são mencionados em notícias do mesmo jornal, sendo desnecessária uma abordagem maior sobre os fatos e seus contextos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já destacados os principais dados e resultados obtidos com a pesquisa, alguns elementos analisados se mostraram interessantes. Primeiramente, a constante utilização dos argumentos fundados sobre a estrutura do real revela a preferência de Azevedo por argumentar a partir de relações sociais, geralmente elementos compostos de maiores possibilidades para interpretações. Por um lado, isso facilita a argumentação, pois permite que o orador relacione fatos e acontecimentos e produza conclusões a partir deles. Porém, por outro lado, isso pode gerar uma argumentação baseada em premissas não universais, o que pode prejudicar a defesa da tese apresentada. É isso que acontece em diversas situações nas colunas de Azevedo.

Neste sentido elementos secundários se tornam importantes. Um deles é o processo elocutivo criado por Azevedo. Muitas vezes apoiado em metáforas ou jogos de palavras, Azevedo afasta o foco das premissas e o coloca na conclusão que quer apresentar. Isso pode funcionar ou não, depende da ação do auditório (público) frente à coluna. Assim sendo, percebe-se que nem sempre Azevedo leva em conta todos os elementos apresentados por Perelman sobre o auditório.

Outro elemento secundário é a construção da imagem de Azevedo. Como sua argumentação parte de premissas que geralmente estão próximas de seus

posicionamentos políticos (liberal e conservador) e tem como objetivo atacar o PT, a imagem de Azevedo tende a ser positiva para aqueles que convergem com as opiniões dele, porém provavelmente é negativa para os que discordam. Há ainda que considerar aqueles que podem não concordar e nem discordar, para estes a imagem pode ser essencial no processo argumentativo, afinal se Azevedo for considerado credível, suas premissas, mesmo que não universais ou dependentes de relações construídas no decorrer da argumentação, são mais facilmente aceitas. Assim sendo, os estudos sobre a imagem desenvolvidos na retórica mediatizada de António Fidalgo podem ser úteis para a compreensão de elementos argumentativos da atualidade. A combinação entre os tipos de argumentos desenvolvidos por Perelman (voltados ao *logos*) e os estudos sobre a imagem (referente ao *ethos*), dentre outros elementos da Retórica Mediatizada, parece bastante útil para uma compreensão mais completa da construção argumentativa.

Também é interessante observar como a estrutura argumentativa, desenvolvida por Aristóteles, se apresenta nas colunas de opinião, mais de dois mil anos depois de ser teorizada. Muito provavelmente em virtude do tamanho da coluna de Azevedo, a demonstração tem papel de destaque e é a maior parte em todas as colunas. O epílogo geralmente possui um papel interessante nas colunas, sendo onde Azevedo reafirma a tese e encerra a sua argumentação, normalmente em uma pequena parte do texto, entre uma frase e um parágrafo de tamanho.

De modo geral, percebe-se que os elementos da retórica, os mais antigos e os mais recentes, possuem muitas conexões com o estudo do jornalismo, especialmente o jornalismo de opinião. Ainda assim, a relação entre as duas áreas é pouco explorada para análises sobre o jornalismo. O que se viu a partir deste estudo é que é possível analisar objetos jornalísticos por meio do viés da retórica e da argumentação e que os resultados podem ser interessantes e revelar diversos elementos sobre o jornalismo.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Retórica**. 2. ed. Tradução Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2005.
- AZEVEDO, R. Fabiane e a maçã envenenada. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 maio 2014. Primeiro Caderno, p. A11.
- AZEVEDO, R. O nome da baderna é Dilma. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 maio 2014. Primeiro Caderno, p. A10.
- AZEVEDO, R. O Partido do Crime. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 maio 2014. Primeiro Caderno, p. A11.
- AZEVEDO, R. Os Pestanas e o terrorismo do PT. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 maio 2014. Primeiro Caderno, p. A15.
- AZEVEDO, R. Os vivos e os mortos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 maio 2014. Primeiro Caderno, p. A9.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.
- CALDERÓN, B. G. Periodismo y retórica: estrategias persuasivas en el articulismo de opinión. In: FERREIRA, I.; GONÇALVES, G. (Org.). **As indústrias da persuasão**. Covilhã: Livros Labcom, 2010. p. 123–131.
- FIDALGO, A. Da retórica às indústrias da persuasão. In: FERREIRA, I.; GONÇALVES, G. (Org.). **As Indústrias da persuasão**. Covilhã: Livros Labcom, 2010. p. 5–25.
- MARQUES DE MELO, J. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 23–41.
- PERELMAN, C. **O Império Retórico**: retórica e argumentação. Tradução Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Porto: Asa, 1993.
- REBOUL, O. **Introdução à Retórica**. 2. ed. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RÊGO, A. R.; AMPHILO, M. I. Gênero Opinativo. In: MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 95–108.
- SOARES, F. B. “Viva a guerra!”: análise argumentativa de um texto de Reinaldo Azevedo. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 15., 2014, Palhoça. **Anais eletrônicos...** Palhoça: Intercom, 2014. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-0851-1.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

*Recebido em: 23 de junho de 2015
Aceito em: 17 de setembro de 2015*